

Público

Coleção
Primeiras Edições
Fac-similadas - 500
Anos Biblioteca da
Universidade de Coimbra

A velhinha "Casa da Livraria"

A completar 500 anos, a Biblioteca da Universidade de Coimbra constitui uma das maiores referências da cultura lusófona

2013 é um ano de festa para a Universidade de Coimbra. No mesmo ano em que a instituição foi considerada Património da Humanidade pela UNESCO, também a sua biblioteca celebra meio milénio de existência. Na realidade, não se sabe ao certo quando terá sido criada a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (BGUC). Por isso, convencionou-se que a data do seu aniversário seria a mais antiga referência ao seu funcionamento. Foi deste modo que

se encontrou o dia 12 de Fevereiro de 1513, data assinalada numa acta do conselho das "Socias Gerais de Studo" que refere alguns problemas no funcionamento da "Livraria" da Universidade, então sediada em Lisboa, na zona da Alfama. Na altura, a biblioteca estava, porém, longe de ser aquilo que hoje conhecemos. Em tempos em que o livro era um objecto raríssimo e caro, o seu acervo contabilizava pouco mais de uma centena de volumes. Foram estes volumes que transitaram para

Coimbra, quando a Universidade se mudou definitivamente para a cidade do Mondego, em 1537. Ao que parece, porém, só dez anos depois a "Livraria" viria a instalar-se no antigo Paço Real, ficando instalada na antiga sala do guarda-roupa, adjacente à Sala Grande. O historiador Fernão Lopes Castanheira era então o responsável por esta livraria, que conservava os livros presos às estantes por cadeados, para que não fossem furtados e para que a sua armariação se mantivesse estável. Só no século

XVIII, por força da velha imposição estatutária da existência de uma biblioteca pública na Universidade, a Livraria começaria a ser olhada com outro sentido de exigência. É essa mudança de atitude que explica o aparecimento de um edifício de raiz, expressamente destinado a guardar os livros da Universidade. De facto, por ordem de D. João V, em pleno palácio universitário, teve início a construção daquela que é ainda hoje conhecida como Biblioteca Joanaína. As obras decorreram entre

1717 e 1728 e nelas colaboraram numerosos artistas que, interagindo em total harmonia, criaram uma das mais extraordinárias bibliotecas universitárias do mundo. Referindo-se concretamente ao edifício esplendoroso que consagra o Saber como até aí apenas se consignavam as realidades divinas, o erudito conde polaco Raczkinski considerou-a como "a biblioteca mais ricamente ornamentada" que já havia visitado. Além do edifício da Biblioteca Joanaína, a BGUC é composta pelo

chamado "edifício novo", inaugurado em 1962. A nova biblioteca foi construída entre 1850 e 1858, no espaço da antiga Faculdade de Letras, transformado pelo arquitecto Alberto José Pessoa de modo a acolher as suas novas funções. Apesar da sua longa e algo atribulada história, sobretudo nos seus primeiros anos, a antiga "Casa da Livraria" atravessou os séculos, mantendo uma existência continuada absolutamente invulgar no contexto europeu. A BGUC não

é, contudo, apenas um espaço bellissimo. Contando com um acervo total que ronda os dois milhões de documentos, a Biblioteca da Universidade de Coimbra constitui também uma das maiores referências da cultura que se exprimiu na Língua Portuguesa. Dispostos ao longo de cerca de 28 quilómetros de estantes, esses documentos constituem património único, equivalendo, em alguns casos, a alguns dos tesouros mais identificados da identidade nacional.

As réplicas dos clássicos portugueses saem da biblioteca para as estantes de casa

Comemora 500 anos e tornou-se Património Mundial da Humanidade pela UNESCO. A Universidade de Coimbra está em festa e para ajudar nos festejos o PÚBLICO edita réplicas exactas das maiores obras da literatura portuguesa lá alojadas

Vera Monteiro
Recebeu os primeiros livros em 1750 e já alberga cerca de 200 mil volumes. Os três pisos da Biblioteca Joanaína da Universidade de Coimbra estão repletos de preciosidades daqueles autores portugueses que sabemos dizer de cor: Fernando Pessoa, Luís de Camões, Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão ou Almeida Garrett. Mas os nomes sucedem-se e todos os que formam os 28 quilómetros de livros da Biblioteca são importantes e tornam o espaço uma das maiores referências mundiais para a cultura lusófona. No ano em que se comemora os 500 anos da Biblioteca Joanaína – o PÚBLICO traz até si uma colecção com as réplicas das primeiras edições de algumas das obras mais emblemáticas da cultura portuguesa. É uma colecção inédita, que implica um trabalho de fac-símile para cada um dos livros. *As Primeiras Edições Fac-similadas - 500 Anos da Biblioteca*

da Universidade de Coimbra reúne 16 volumes de capa mole, réplicas da primeira publicação: fontes de letra, escala, ilustrações, diagramação e paginação. Até mesmo o tamanho das páginas difere consoante a obra. Entre os livros que pode levar para casa estão a grande epopeia dos Descobrimentos Portugueses de Luís de Camões, a crítica de costumes do Eça de Queiroz *O Crime do Padre Amaro*, e ainda as histórias infanto-juvenis de Irene Lisboa, *Contos*, e *As Grandes Aventuras de um Pequeno Herói*, de Natália Correia. Se preferir ensaios, não perca *Portugal na Bacia da Europa* escrito por Almeida Garrett, naquele que é um retrato de uma época. **Uma colecção com as réplicas das primeiras edições de algumas das obras mais emblemáticas da cultura portuguesa**

da situação política e económica portuguesa no início do século XIX. Mesmo os poetas não ficaram esquecidos. Em *Fado as palavras* e em *Mensagem* Fernando Pessoa dá vida aos grandes protagonistas da história nacional. Para os viajantes, *As Praias de Portugal* é uma obra imprescindível. Publicado em 1876, o livro de Ramalho Ortigão – também chamado *Guia do Banhista e do Viajante* – é um roteiro pelas melhores praias do país, repleto de preciosos comentários que só Ortigão sabe fazer. Mas para que nenhuma referência da história portuguesa fique por contar, o PÚBLICO oferece ainda uma entrada grátis no circuito da Universidade de Coimbra, que inclui a Biblioteca e abre as portas a uma carreira académica na Faculdade de Letras de Lisboa. Poeta, ficcionista, ensaísta, cronista, crítico literário, colaborou na revista *Presença* e dirigiu a *Revista de Portugal*. **Eça de Queiroz** José Maria de Eça de Queiroz nasceu na Róvota do Varim a 25 de Novembro de 1845. Filho de um magistrado, formou-se em Direito na Universidade. Trabalhou como jornalista e advogado

Os autores

Luís de Camões
Considerado uma das maiores figuras da literatura portuguesa, Luís Vaz de Camões escreveu *Os Lusíadas*, a epopeia que retrata os feitos dos portugueses durante a época dos Descobrimentos. Constatou a pobreza absoluta.

Padre António Vieira
Notável prosador e orador, o Padre António Vieira nasceu em 1608, em Lisboa, mas mudou-se para o Brasil com apenas seis anos, onde, em 1633, viria a integrar a Companhia de Jesus. Missionário, destacou-se pelos seus sermões em que criticava fortemente a sociedade da sua época e defendia os direitos dos povos indígenas, combatendo a sua exploração e escravização.

Vitorino Nemésio
Escritor natural da Ilha Terceira, nos Açores, Vitorino Nemésio publicou o seu primeiro livro ainda no liceu. Foi depois para Coimbra, onde frequentou a Universidade, abrindo-lhe as portas a uma carreira académica na Faculdade de Letras de Lisboa. Poeta, ficcionista, ensaísta, cronista, crítico literário, colaborou na revista *Presença* e dirigiu a *Revista de Portugal*.

Eça de Queiroz
José Maria de Eça de Queiroz nasceu na Róvota do Varim a 25 de Novembro de 1845. Filho de um magistrado, formou-se em Direito na Universidade. Trabalhou como jornalista e advogado

em Lisboa e, mais tarde, exerceu o cargo de cônsul de Portugal em Havana, Newcastle, Bristol e Paris. Obras como *Os Males* ou *O Crime do Padre Amaro* fazem dele o maior nome do realismo português.

Almeida Garrett
João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett foi um escritor e dramaturgo iniciador do Romantismo. Foi ainda poeta, jornalista, político e legislador, sendo muitas vezes apontado como um exemplo entre o homem político e o escritor, o cidadão e o poeta. Entre as suas obras mais famosas conta-se *Viagens na Minha Terra*.

Soeiro Pereira Gomes
Foi depois de regressar de Angola, onde trabalhou como regente agrícola entre 1930 e 1931, que Soeiro Pereira Gomes se ligou ao movimento operário e se tornou militante comunista. Começou por publicar textos no jornal *O Diabo*, no final da década de 30, mas destacou-se sobretudo pela obra *Estêvão*, apontada como uma das mais representativas da primeira fase da estética narrativa neorealista.

José de Almada Negreiros
Figura ímpar da vanguarda modernista portuguesa, Almada Negreiros foi um artista multidisciplinar. Dedcou-se às artes plásticas e a inúmeros campos da literatura, tendo passado pelo romance, poesia, ensaio e

dramaturgia. Autodidacta, aguerredo e polémico, assumiu desde cedo um papel central no futurismo português.

Mário de Sá-Carneiro
"Podia ser feliz mais tempo, tudo me corre, psicologicamente, às mil maravilhas, mas não tenho dinheiro". A frase é de Mário de Sá-Carneiro e é retratada de uma carta que enviou ao seu amigo Fernando Pessoa pouco tempo antes de se suicidar, em Paris, com apenas 26 anos. Poeta e ficcionista, foi um dos mais destacados membros da Geração d'Orfeu, uma figura de proa do modernismo português.

Raul Brandão e Maria Angelina
Raul Germano Brandão foi militar e jornalista mas foi enquanto escritor português que se distinguiu. Mestre do realismo, as suas descrições e o lirismo da linguagem valerem-lhe o reconhecimento. Casou com Maria Angelina Abreu em 1897 – que foi co-autora de várias obras.

Ramalho Ortigão
Natural do Porto, onde nasceu em 1836, Ramalho Ortigão apaixonou-se pela literatura e decidiu ser escritor depois de ler *Viagens na Minha Terra* de Almeida Garrett. Frequentou o curso de Direito, leccionou francês num colégio, onde aliás foi professor de Eça de Queiroz de que se viria a tornar amigo, mas destacou-se efectivamente como um dos mais notáveis membros da Geração de 70.

Irene Lisboa
Irene do Céu Vieira Lisboa foi poetisa, ficcionista e pedagoga. Formou-se em Portugal e continuou por França, Bélgica e Suíça, onde se especializou em Ciências da Educação, que a habitou a escrever várias obras pedagógicas. Dedicou-se também à produção literária, fossem novelas, contos, diários ou crónicas.

José Régio
Poeta, autor dramático e ficcionista, José Maria dos Reis Pereira nasceu em 1901, em Vila do Conde, mas foi em Portalegre que viveu grande parte da sua vida. Fundou a revista *Presença*, que marcou o modernismo português. Na sua obra retrata problemas relativos ao conflito entre Deus e o Homem, indivíduo e sociedade.

António Nobre
Começou por estudar Direito, em Coimbra, mas acabaria por se formar em Ciências Políticas na École Libre des Sciences Politiques, em Paris. Foi em França que teve contacto com as novas tendências literárias, nomeadamente o simbolismo, e que escreveu a maior parte dos poemas que viriam a constituir a colectânea *Só*. Como muitos da sua época, morreu precocemente, em 1900, com apenas 32 anos, vítima de tuberculose.

Camilo Castelo Branco
Nasceu a 16 de Março de 1825, em Lisboa, e ficou órfão de mãe com apenas um ano e de pai aos dez. Apesar de nascer no seio de uma família aristocrática, as tragédias da sua infância marcaram toda a sua existência, marcada pela incapacidade de concluir os estudos e, sobretudo, por amores fracassados. A fatalidade a designa prolificar obra. Romancista, cronista, crítico, dramaturgo, historiador, poeta e tradutor suicidat-se-ia em 1890.

Natália Correia
Dizia que era poeta e não poetas pois a poesia era "assexuada" mas foi também ficcionista, autora dramática, ensaísta e activista social. Natural dos Açores, conseguiu a insularidade como uma das linhas de força do seu percurso literário. Figura marcante da cultura portuguesa contemporânea, distinguiu-se também pela sua actividade política, tendo exercido o cargo de deputada.

Fernando Pessoa
Fernando António Nogueira Pessoa nasceu em Lisboa em 1888 mas passou os seus primeiros anos na África do Sul. Os seus primeiros poemas foram escritos em inglês. Regressou a Portugal com 17 anos e desde essa data escreveu em inglês, português e francês, em seu nome ou através dos seus heterónimos. Morreu aos 47 anos e é actualmente considerado um dos maiores poetas de sempre.

Camilo Castelo Branco
Nasceu a 16 de Março de 1825, em Lisboa, e ficou órfão de mãe com apenas um ano e de pai aos dez. Apesar de nascer no seio de uma família aristocrática, as tragédias da sua infância marcaram toda a sua existência, marcada pela incapacidade de concluir os estudos e, sobretudo, por amores fracassados. A fatalidade a designa prolificar obra. Romancista, cronista, crítico, dramaturgo, historiador, poeta e tradutor suicidat-se-ia em 1890.